



Bem viver em regras: urbanidade e civilidade em manuais de saúde

Good live upon rules: urbanity and civility on health manuals

Maria Stephanou
mariast@terra.com.br

Resumo: A investigação analisa dois manuais de autoria do médico gaúcho Dr. Mário Totta. Um deles denomina-se *O médico em casa*, o outro intitula-se *Medicina em Pílulas: Breviário da Saúde*; ambos publicados pela Livraria do Globo de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, em 1939. Caracterizam-se por apresentarem um conjunto variado de temas que abrangem desde instruções e procedimentos para a cura de pequenas moléstias, primeiros socorros, noções elementares de puericultura, enfim, cuidados básicos com a higiene do corpo, alimentar, das habitações, passando também pela codificação minuciosa de condutas de urbanidade, produzindo, conforme o estudo demonstra, uma intensa associação entre urbanidade ou civilidade com higiene e saúde. A forma como os conselhos são apresentados indicam que há uma intersecção de argumentos científicos e argumentos de ordem moral. O exame dos manuais volta-se para a complexidade das relações entre o próprio texto dos manuais, seu suporte, sua materialidade, ou seja, o objeto que comunica o texto e o ato que o apreende, sua apropriação por múltiplas leituras de distintos sujeitos. O propósito maior é situar os manuais em meio a um conjunto de práticas discursivas da medicina voltadas à educação sanitária da população, detendo-se particularmente em descrever o que disseram e propuseram os médicos sobre o tema da urbanidade, através desses textos, e seu caráter educativo.

Palavras-chave: manuais de saúde, história da educação, civilidade.

Abstract: The investigation analyse two manuals of the physician Dr. Mário Totta, *The Physician at Home* and *Medicine in Pills: Short Histories Health*. Both were published in 1939, by Livraria do Globo, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. They present instructions and procedures for the cure of small maladies, first helps elementary notions of puericulture, and basic attentions with the body hygiene, diet, habitation, and also by the particular codification of conduct making severe association of urbanity or civility with hygiene and health. The form of their counsel indicates an intersection of scientific and moral arguments. The examination of the manuals shows the complexity of the relations between the very text of manuals, their support, their materiality, such as, the object of text and the numerous meanings of its several subjects. The major purpose of this work is to put the manuals in the center of a medical practice, which aimed the sanitary education of the people. It also focuses on the discourse of the physicians about urbanity through their texts and their educative character.

Key words: manuals of health, history of education, civility.

No Brasil, nos anos 30 a 50 do século XX, as ações médicas nas cidades foram múltiplas e intensas, desde a formulação de propostas de saneamento, passando pela análise de problemas como a constituição do tipo brasileiro, até a proposição de iniciativas de educação e propaganda sanitária, dentre elas a elaboração e difusão de manuais de higiene e saúde. Tais iniciativas, de uma certa forma, estabeleceram uma rede de espaços de intervenção sanitarista, assistência clínica e terapêutica e educação, assegurando a circulação dos discursos médicos no campo social. Os médicos transitaram dos consultórios e hospitais às tribunas, dos centros e dispensários de saúde às creches, asilos e orfanatos, das escolas às faculdades, das fábricas e oficinas às administrações públicas, das instituições à intimidade dos lares.

Este estudo problematiza duas questões intimamente relacionadas. A primeira diz respeito à constituição do sujeito¹ urbano. A segunda indaga como discursos médicos foram constitutivos da subjetividade moderna, do modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor às suas condutas, deveres, sensibilidades, expectativas (Foucault, 1990a), como sujeitos de urbanidade e civilidade. Para entender a crescente preocupação com o autocuidado na discursividade médica, fez-se necessário prestar atenção aos processos de subjetivação, em outras palavras, o modo pelo qual foi se produzindo determinada subjetividade (in)formada pelos saberes médicos. Compreende-se a subjetivação como processo de constituição da “subjetividade”, enquanto “modo em que o sujeito faz a experiência de si mesmo num jogo de verdade em que está em relação consigo mesmo” (Foucault, 1990b, p. 21).

O sujeito se constitui na articulação complexa de discursos e práticas, que podem ser pedagógicos, médicos, terapêuticos, entre outros, historicamente engendrados, que instauram modos de conhecimento sobre si. A experiência de si é construída, produzida, de forma complexa, contraditória, contingente. Como uma das possibilidades de organização de uma consciência de si, é sempre um processo provisório (Eizirik, 1997, p. 42). Além do que, a verdade do sujeito não lhe é tão-somente imposta de fora; o sujeito contribui ativamente, desde si, na produção de uma verdade sobre si mesmo.

Na situação histórico-concreta elencada para a análise, situa-se um momento importante para a história de um determinado modo de conhecimento e prática de si, em que novos saberes dos indivíduos para consigo, novos saberes acerca do sujeito, foram produzidos e organizados, valorizados, recomendados e/ou impostos, com uma crescente presença dos saberes médicos.

O exame dos processos de formação do cidadão nas primeiras décadas do século XX tem levado a observar uma crescente importância dos cuidados pessoais nos domínios da urbanidade ou da civilidade, em especial nos domínios da higiene e da saúde. Refiro-me às práticas e ações que os sujeitos deveriam dirigir a si mesmos quanto à polidez das condutas, os rituais de uma estética esmerada, asseio pessoal, cuidado com o corpo, a intimidade e a sexualidade, os novos modos da sociabilidade urbana.

Relativamente aos manuais de saúde, escritos por médicos e que tematizam incisivamente as regras de urbanidade, pode-se observar uma intensa preocupação, a par da saúde de todos, com a saúde individual. Os manuais analisados, notadamente

prescritivos e, por isso mesmo, de caráter prático, caracterizam-se por conselhos, recomendações, especificações de procedimentos a adotar, descritos minuciosamente. Um detalhado e complexo conjunto de práticas individuais é examinado e explicado didaticamente pelos médicos. Os discursos médicos insistiam: havia que zelar pela própria saúde, como principal preocupação de cada um, mas também como dever do cidadão. Observe-se que cuidados pessoais cada vez mais interiorizados e, simultaneamente, cada vez mais explicitados e identificados com a civilidade irão compor a higiene e a saúde contemporâneas (Vigarello, 1988).

Embora prescritivos, os manuais analisados não pretendiam ser impositivos, mas persuasivos; tampouco dogmáticos, mas explicativos e minuciosos, visando oferecer informações, argumentos consistentes e noções práticas, precisas e claras, para ensinar a cada um como melhor se conduzir com vistas à polidez e à civilidade, como refrear os instintos que lembravam a animalidade e como cultivar modos de ser distintos e agradáveis a si mesmo e aos outros. Intentavam captar a confiança dos leitores através de uma didática que utilizava, em primeiro lugar, a própria linguagem, acessível, jocosa ou metafórica, rica em situações exemplares e por si mesmo educativas, relativas ao cotidiano da vida na cidade, na casa, no trabalho, na escola, nas práticas de convivialidade. Sugerem uma ciência do cuidado que é também um dever e um amor pelos outros, porque os protege, os agrada, os aproxima. Um cuidado que, por isso mesmo, tornaria possível a convivência urbana, até então envolta em tantos perigos e ameaças. Mas um cuidado, também, que instauraria um novo regime e gênero de vida, onde a urbanidade e a civilidade, em relação às quais eram

¹ Sujeito no sentido de assujeitado, submetido a outros através do controle e da dependência, e atado à sua própria identidade, pela consciência ou o conhecimento de si mesmo (Foucault *ap.* Eizirik, 1994, p. 18).

inerentes a higiene e a saúde, são concebidas como as virtudes modernas².

As investigações que examinam a produção e disseminação de manuais de civilidade e urbanidade não chegam a mencionar exemplos em que médicos figurem como autores, embora os textos de manuais invariavelmente contenham preceitos de higiene. Neste estudo, foram identificados dois manuais de autoria do médico gaúcho Dr. Mário Totta, que tiveram muitas reedições nos anos 30 e 40 do século XX. *O médico em casa* e *Medicina em pílulas: breviário da saúde* foram publicados pela Livraria do Globo de Porto Alegre, em primeira edição datada de 1939.



Figura 1. Capa do livro *O médico em casa*.

Considerando-se os títulos, uma primeira leitura sugere que seu conteúdo seja matéria de caráter estritamente terapêutico. No limite, imagina-se encontrar preceitos profiláticos e prescrição de comportamentos relacionados às doenças. Isso se confirma, embora surpreenda-nos um conjunto variadíssimo de temas que abrangem instruções e procedimentos para a cura de pequenas moléstias, primeiros socorros, noções elementares de pueri-

cultura, enfim, cuidados básicos com a higiene do corpo, alimentar, das habitações, além da codificação minuciosa de condutas de urbanidade.

A associação produzida entre urbanidade ou civilidade com as práticas de higiene e saúde é proeminente. Saúde implica condutas polidas, asseadas, de autocuidado. A civilidade assegura a saúde, pois as pessoas não andam sujas, observam a higiene alimentar e não se empanturram, observam a higiene da boca e dos olhos, guardam distância de relações promíscuas, como beijar enfermos ou crianças, não se abandonam aos vícios modernos, não se descuidam da higiene de si próprios e, com isso, repelem as fontes de contágio, a sujeira, as predisposições que tornam propícias as contaminações. Isso fica claro na forma como os conselhos são apresentados: mesclam-se argumentos “científicos” com argumentos de ordem moral. Muitas vezes, o tom moral prevalece, e recomendam-se, sob advertências, ameaças, ironia ou zombaria, os procedimentos “naturalmente” adequados, apenas despercebidos da tola ignorância. Assim, a conjugação dos argumentos de ordem científica com aqueles de ordem moral permite a legitimidade de ambos. Divulgados como de autoria de um médico, era possível atribuir-lhes um reconhecimento em que o discurso científico possibilitava sua acolhida como verdadeiros e autorizados (Foucault, 1993).

Muitas possibilidades de análise se abrem ao estudo dos manuais. São provocativas as questões formuladas por Chartier (1992) relativamente ao exame da complexidade das relações entre o próprio texto dos manuais, seu suporte, sua materialidade, ou seja, o

objeto que comunica o texto e o ato que o apreende, sua apropriação por múltiplas leituras de distintos sujeitos. Em suas palavras, “conduzido ou encurralado, o leitor encontra-se invariavelmente inscrito no texto, mas este, por sua vez, inscreve-se de múltiplas formas em seus diferentes leitores”. Entretanto, mesmo reconhecendo a pertinência dessas complexas relações que constituem os manuais, especialmente o fato de que os “textos ou palavras destinadas a configurar pensamentos e ações nunca são inteiramente eficazes e radicalmente aculturadores” (Chartier, 1992), ainda não será nesse estudo que todos esses elementos serão explorados. Até esse momento não foram localizadas fontes que tenham registrado a diversidade das práticas de leitura, as apropriações associadas aos manuais. Neste estudo, analiso a materialidade dos manuais como forma de estabelecer uma espécie de intertextualidade com o texto propriamente escrito, tomando cada manual – discurso, texto e materialidade – como objeto de leitura e apropriação.

Uma ressalva importante: os documentos examinados não são denominados manuais por seu autor ou pelo editor, tampouco estampam em sua capa os dizeres civilidade, urbanidade ou expressões como “boas maneiras”, “bons costumes”. Entretanto, seus textos propõem-se a prescrever e ensinar como comportar-se adequadamente, o que não pode ser secundarizado. Os manuais apresentam uma determinada listagem de condutas tendo como pano de fundo a produção da urbanidade associada a um estilo de vida saudável e higiênico³.

² Como sugere Barrán (1995) a propósito da cultura do corpo e que considero pertinente estender às práticas de urbanidade.

³ No segundo volume da *História da sexualidade* (1984/1990a), ao referir-se às fontes utilizadas para examinar os modos de subjetivação, Foucault caracteriza-as como discursos prescritivos, que pretendiam a proposição de regras de conduta, através de opiniões, conselhos, recomendações, em que a explicitação do “comportar-se como convém” era clara, direta, portanto, textos “práticos”, produzidos para serem efetivamente “lidos, aprendidos, meditados, utilizados”. Visavam constituir uma armadura da vida cotidiana, e, em última instância, serem operadores que permitissem aos indivíduos interrogar-se sobre sua própria conduta, formá-la e conformar-se ao prescrito, colocando-se em situação de compartilhamento pessoal das regras. Inspirando-me em percorrer essas pistas metodológicas, foram buscadas fontes representativas do discurso médico que se caracterizam por conter indicações prescritivas, de especificação prática de condutas, procedimentos visando a produção dessa armadura de vida de que fala Foucault.

Os manuais analisados são textos sem uma vinculação institucional explícita, tampouco atados a uma leitura compulsória, como os catecismos, ou os manuais de educação moral e escolares. Constituíram-se como textos de consulta informal, facultativa, o que não implicava uma leitura “tutelada”, embora o peso da Medicina como verdade estabelecesse uma ordem a essa leitura. De qualquer maneira, não eram textos a serem lidos num espaço institucional que os apresentaria como obrigatoriedade, mediados por comentadores, como o caso dos manuais religiosos ou escolares. Permitiam precisamente uma espécie de leitura íntima, na mesma proporção das atitudes e comportamentos individuais recomendados. Seu valor de verdade era atestado pela condição de médico do autor e pelo caráter de civilidade e modernidade que sugeriam.

Saúde e urbanidade

Os manuais analisados circularam em cidades do Rio Grande do Sul a partir do final dos anos 1930. *O médico em casa e Medicina em pílulas: breviário da saúde* são assinados pelo Dr. Mario Totta⁴, respeitado médico gaúcho, obstetra e pediatra, professor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, filantropo, poeta e cronista, redator de revistas e jornais. O Dr. Totta era popular como autor, tendo publicado poesi-

as, crônicas e breves colunas de matéria médica no *Correio do Povo*, periódico de ampla circulação no período.

O médico em casa reúne, sob a forma de livro, conselhos esparsamente publicados no *Correio do Povo* ao longo de alguns anos. Na breve introdução do manual, o Dr. Totta sugere que, pela forma simples e acessível, lá estará o *Médico*, em cada casa, lado a lado a um Chernoviz⁵, “venerando tratado que foi inquilino indefectível de todas as estantes de jacarandá” (Totta, 1939a, p. 7).

O Medicina em pílulas: breviário da saúde consistia num manual menos extenso, curiosamente publicado no mesmo ano de 1939⁶. Há muitas semelhanças entre os dois manuais, particularmente quanto aos temas e conselhos, embora a linguagem, alguns assuntos e a extensão do texto difiram significativamente. É como se o *Breviário* fosse uma espécie de “tradução” ou simplificação do outro manual, em linguagem ainda mais acessível e de manuseio mais didático⁷. O número de reimpressões e a elaboração de uma versão simplificada dão conta da difusão dos mesmos e da preocupação com sua disseminação.

Enquanto *O médico em casa* se caracteriza por uma linguagem simplificada, porém denotando a fala de um médico que explica, argumenta e aconselha, *Medicina em pílulas* caracteriza-se por um estilo coloqui-

al e, por vezes, jocoso. Algumas situações são apresentadas de forma quase bizarra, outras insistem num minucioso detalhamento da rotina diária, incluindo os cuidados com o corpo – dentes, cabelos, olhos, etc. – com a alimentação, o vestuário, o uso do cigarro, do álcool, controle dos vícios, enfim, as regras de boas maneiras através de provérbios populares que ilustram as atitudes sugeridas. O tom imperativo e essencialmente prático caracteriza a forma do discurso, espécie de diálogo direto com os leitores, que lança mão de um tom anedótico e sarcástico, em pequenos textos, a exemplo de versículos: “pílulas”, medicina em pílulas⁸.

Medicina em pílulas: breviário da saúde. Enquanto “breviário” o texto evoca a idéia de livro de rezas cotidianas ou forma breve do ofício divino. Conteúdo religioso que se reporta a uma profissão de fé de quem lê e segue seus conselhos. Em vez de utilizar-se da expressão “versículos”, que caracterizam um breviário, serve-se do vocabulário médico para aludir a cada conselho, em número de 107: “as pílulas”, pequenos e concisos conselhos. Há também outra aproximação aos breviários que é sugestiva. O *Medicina em pílulas: breviário da saúde* está escrito em pequenos tópicos independentes. Pequenas drágeas de grande alcance, como o são as pílulas na terapêutica clínica. O texto não é necessariamente

⁴ O Dr. Mário Totta nasceu em Porto Alegre, em 1874, vindo a falecer, na mesma cidade, em 1947. Formou-se farmacêutico pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1900 e, em 1904, como médico pela mesma Faculdade. Note-se sua atuação em outras atividades educacionais, como o fato de ter sido secretário-geral da Instrução Pública do Rio Grande do Sul, em 1898, e professor de Higiene da Escola Normal de Porto Alegre. Destacou-se como “poeta, romancista, cronista e divulgador para populares da ciência médica”.

⁵ O médico Pedro Luiz Napoleão Czerniewicz, conhecido como Chernoviz, nasceu na Polônia, em 1812. Em 1840, mudou-se para o Brasil. Foi admitido na Academia Imperial de Medicina, exercendo sua profissão no país durante quinze anos, regressando à Europa em 1855. No Brasil, modificou seu nome para Chernoviz para torná-lo acessível. Em 1841, foi publicada a primeira edição de seu *Formulário e guia médico*, tendo obtido popularidade ao preencher lacuna da literatura médica no Brasil. Para que se tenha uma idéia da popularização destes manuais, em 1897 o *Formulário* já contava com pelo menos 19 edições. Isto porque sua venda não foi dirigida somente aos médicos e farmacêuticos, mas ao grande público.

⁶ O Dr. Totta não alude a escolha do título. Mas é curioso observar que, em 1920, o Dr. Renato Kehl, importante médico eugenista brasileiro, publica um manual destinado ao público dos 13 aos 80 anos intitulado “Bíblia da saúde”, referindo que se encontra dividida em “pílulas” (cf. *Brazil Médico*, Rio de Janeiro, 40(2):11, 03/07/1926). Guereña (1997) registra que, para o caso espanhol, a multiplicação dos manuais de urbanidade desde o século XVIII foi muito expressiva. Dentre os títulos observa um uso relativamente freqüente do qualificativo *breve*, que remete à mesma idéia de breviário.

⁷ Schwarcz faz notar quanto aos manuais o emprego de uma linguagem acessível cuja utilização freqüente os transformava em uma espécie de livro didático quando o tema era a civilidade (1997, p. 12).

⁸ O professor Dr. Pereira Filho assim se referiu aos escritos populares de educação higiênica do Dr. Totta: “estilo faceto, com leve ironia galhofeira”; “constantes e continuados desvelos no divulgar os meios de defesa da saúde” (*Correio do Povo*, Porto Alegre, 18/12/1949).

sequencial. Pode ser lido desordenadamente, saltando páginas. Cada excerto encerra um tema, o procedimento ou conselho em si mesmo e não possui um título, nem é numerado, dispensando um índice. Diferentemente, *O médico em casa* está organizado em 42 temas/conselhos, intitulados e agrupados, constando em um sumário.

Quanto ao *Medicina em pílulas*, o termo “pílulas” é uma imagem provocativa; sugere uma certa condensação – o tamanho diminuto dos conselhos não é proporcional ao efeito – e estabelece uma clara associação a um imaginário sobre os remédios: pílulas fazem parte de uma terapêutica para cura; conselhos que como remédios carregam o conotativo de prescrição médica. A associação com um ideário religioso não parece fortuita. Os discursos médicos se servem muitas vezes desse recurso de persuasão.

Direcionados ao público em geral, buscando pela fluidez do texto serem acessíveis e inteligíveis por diferentes idades, graus de instrução e gênero, os manuais não possuem imagens ilustrativas, à exceção da imagem de capa do *Médico em casa* e de uma única gravura de um esqueleto humano no *Medicina em pílulas*.

Quanto à capa do *Médico em casa*, ela traz a imagem de um médico com expressão grave, óculos e guarda-pó branco, uma farta barba e poucos cabelos brancos, denotando sapiência e experiência pela idade avançada. A gestualidade do médico apresenta-o com o dedo indicador apontado para o leitor, espécie de *leitmotiv* que estaria dizendo: “Você! Atenção!”.

Especialmente no *Medicina em pílulas*, assim como as práticas sugeridas são estritamente vinculadas a procedimentos individuais, também a tessitura do texto remete a um processo individualizado de com-

preensão e reflexão. Na introdução, esboça-se a conversa direta com o leitor, espécie de interlocução onde abunda o tom imperativo: *pensa, repara, segue, toma juízo*, que se somam a uma série de normatizações. Todo o Breviário está composto por pequenos tópicos prescritivos: fazer, não fazer, evitar, ocupar-se consigo, aconselhar-se com seu médico. Há um empenho do autor em fazer-se compreender e em exprimir uma orientação legítima.

A forma discursiva do *Medicina em pílulas* caracteriza-se por parábolas ou fábulas, tom jocoso e forma anedótica, estilo imperativo: “procure”, “não ouças!” Além disso, algumas rimas e, sobretudo, formulações prescritivas figuram lado a lado a um conjunto de argumentos visando ao convencimento dos leitores e sua “adesão sincera”. Em sua introdução o autor procura ser breve, desinteressado, virtuoso. Afirma que não almeja a glória, mas apenas constituir-se como “sentinela da saúde”. Para a realização deste ideal de boa vontade, não bastava que o livro fosse *somente lido*: era necessário, acima de tudo, que fossem *atendidas* as regras de conduta que ele gostosamente transmitia. Uma preocupação didática caracteriza o texto do manual. O Dr. Totta não elabora apenas uma pauta de prescrições e regras impositivas. Os textos possuem um estilo singular, espécie de gramática discursiva: cada preceito parte da descrição das práticas usuais, aponta os erros ou problemas, referindo a ignorância dos costumes, seguido da apresentação das recomendações médicas, traduzindo saberes científicos que justifiquem e endossem o acerto e a urgência das recomendações. Frequentemente, são acrescidos de alguma lição moral. Diferindo do *Medicina em pílulas*, o *Médico em casa* é mais consistente e procura atender ao objetivo de constituir-se em livro de consulta doméstica.

Não é o discurso científico que está materializado no texto do manual, mas, por um processo de didatização, um outro discurso que possui um *status* diferencial, informado pelos saberes médicos, operando com outros instrumentos e supondo outro dispositivo (Gvirtz, 1997).

Quanto ao *Médico em casa*, nos capítulos de tamanho variável, o autor percorre situações cotidianas, tanto relativas à saúde quanto aos comportamentos asseados e polidos, por meio de conselhos minuciosos e as devidas explicações médicas. Embora com textos mais extensos e explicativos, por terem sido inicialmente divulgados em jornal, o autor se esforça por estabelecer um vínculo com o leitor. Quer parecer amável e, ao mesmo tempo, é incisivo na condenação de alguns hábitos e costumes. Chega mesmo a ser ameaçador, mas faz-se cativante, almejando o convencimento e a cumplicidade do leitor.

Vejam os detalhes mais detalhadamente o conteúdo dos manuais no que se refere à urbanidade e à civilidade. No *Médico em casa* há cerca de 14 conselhos que contemplam o tema da urbanidade e, em relação ao *Medicina em pílulas*, um conjunto de 28 “pílulas/conselhos” relativos à urbanidade.

Quando analisam os comportamentos de urbanidade, os textos são genéricos, não se voltando a um dos gêneros exclusivamente. Há temas ligados à terapêutica médica, mas proliferam aqueles voltados às regras de boa conduta e urbanidade, tais como os abusos à mesa, a higiene do nariz, olhos, boca e mãos, o hábito de visitar, o uso do cigarro, a genuflexão e o lenço, os banhos de sol, a procura da serra ou mar, a mania de emagrecer, as práticas esportivas.

É marcante nesses conselhos a associação íntima entre urbanidade e higiene, mostrando com isso o as-

pecto civilizado da assepsia, ou ainda, sob um cunho moral, o aspecto da virtuosidade e da dedicação ao trabalho meticuloso que o asseio individual exige: tarefa diária, constante, morosa. Outra associação vincula saúde e urbanidade, mostrando como as práticas de polidez, adequação, sobriedade concorrem à saúde e, por seu viés moral, como os excessos são condenados pela civilidade e o quanto seu controle por cada indivíduo concorre à saúde.

Os conselhos estão dirigidos não só à gente simples, mas também àqueles “que se jactam de uma educação esmerada”, mas se esquecem frequentemente de princípios comezinhos de boa educação e civilidade, como o hábito de lavar as mãos antes das refeições, não fumar nas alcovas, etc. Para o Dr. Totta

[...] desde o mais obscuro trabalhador, que leva a maior parte do seu dia manuseando instrumentos desasseados, até o burocrata por cujas mãos passam papéis de várias procedências, todos nós, quaisquer que sejam a profissão e os hábitos de vida, devemos ter sempre as mãos num estado de limpeza tão esmerada quanto possível.

Se intercalamos os conselhos de um manual com as instruções de outro, podemos perceber que as variações não apenas repetem, mas em certa medida explicitam o que se deseja transmitir.

A idéia de urbanidade vai sendo tecida nos fios de um discurso que dá sentido ao conjunto dos conselhos do manual; aparece como fruto de uma boa educação, atenção ao conselho médico, estética corporal e asseio, enfim como experiência que denota a dignidade de um indivíduo.

Em outras passagens do *Médico em casa*, tais acepções se explicitam de forma difusa, não tão pontual como no excerto acima, ainda que exemplificando e decompondo as

idéias que ele exprime. Alguns preceitos são especialmente elucidativos. Referindo “os abusos da mesa”, o Dr. Totta estabelece um confronto entre o comportamento humano e a animalidade através do ditado popular “O peixe morre pela boca”, ao que ele afirma:

Eu tenho pensado muitas vezes, à cabeceira dos doentes, que se o peixe pudesse falar e apresentar a sua estatística, o homem lhe ficava a dever.

Com isso, sugere que algumas atitudes humanas colocam o homem em posição inferior ao animal, no aspecto fisiológico e no aspecto moral. Para ele, alguns indivíduos incorriam na inversão do princípio racional e, em vez de comerem para viver, viviam para comer. Elias (1994) chama a atenção para o fato de que os médicos inscrevem em seu discurso um caráter intencionalmente racional, donde “faz-se assim porque é higiênico”. É o que parece suceder com os argumentos apresentados pelo Dr. Totta. Associa os abusos à mesa à irracionalidade e, por isso mesmo, à animalidade, buscando provocar repulsa no leitor. Tal é a afronta aos princípios da saúde e da polidez, que o autor expressa um conjunto de caricaturas dos excessos à mesa:

São as vítimas do garfo, são os glútes, os esganados, os empanturrados, os que comem com voracidade, os que limpam com o último bocado de pão a última gota de molho e ainda estalam a língua com gozo e saudade [...].

No *Medicina em pílulas* há uma referência semelhante, indicando condutas próximas à animalidade:

[...] e ele, então, abarrotado me disse: - “Eu cá sou assim, doutor. Como ferozmente! Como como um cavalo!” E eu fiquei a pensar: foi naturalmente por causa de tais viventes que se criou

para designar certos estabelecimentos culinários, aquela expressão sugestiva: - “Casa de pasto”. Tem de ser.

O médico trava um diálogo em que é, ao mesmo tempo, o narrador e o personagem dos pensamentos, estabelecendo uma relação em que ele também é aquele que cultiva em si os hábitos e os conselhos que propõe. Para enfrentar os maus hábitos, que abertamente condena, apresenta uma série de argumentos que mostram a contra-indicação médica a esses modos de proceder e os prejuízos à saúde que decorrem dos excessos. Entretanto, sua recomendação sugere uma educação pessoal e uma atitude moral traduzíveis em boas maneiras e elegância.

Cabe assinalar o modo como vão se explicitando as ocupações consigo, um elaborar a si próprio que envolve a temperança e a virtuosa sobriedade, tanto quanto o asseio e a atenção a regras de civilidade, demarcando mais uma vez uma triangulação urbanidade-saúde/higiene-moral. Essas minuciosas operações em que se define um conjunto de comportamentos e adequação, por razões médicas ou morais, foram particularmente significativas no que diz respeito à higiene alimentar e o ritual das refeições, compondo no contexto dos manuais uma espécie do que hoje poderíamos denominar etiqueta dos bons costumes. Ampliam-se as recomendações em torno desse ritual para além da higiene das mãos e da sobriedade, como se pode observar nos excertos abaixo:

Não te assentes à mesa irritado. Perturbarás a digestão e farás muito mal aos que te cercam. A hora da refeição é sagrada. Até Jesus está presente. Come com calma e com alegria, em benefício da tua saúde e da saúde dos teus.

Não guardes no bolso o palito com que acabaste de esgaravatar os den-

tes. Logo mais, quando de novo o utilizares, ele estará em piores condições que uma lasca de pau de galinheiro.

Não procures limpar a boca na manga do casaco, se quiseres ter limpos o casaco e a boca.

Um outro preceito que exprime a polidez e a assepsia das práticas e dos corpos é o que trata da higiene da boca. Schwarcz (1997) faz notar que alguns conselhos desses manuais são tão diretos que chegam a ser constrangedores. É o que sucede com o *Médico em casa*, em que a mensagem inicial diz respeito aos hábitos:

Descura-se, em geral, e principalmente com relação às crianças, da higiene da boca. Não se pode cometer falta mais grave. [...] a boca representa papel de capital importância na nossa vida social, porque ela é o órgão da palavra.

Se o hábito é descuidar-se da higiene da boca, o problema apontado é seguido de imediato por uma explanação médico-científica, não sem antes lembrar que por amor de nós mesmos, ou seja, da dignidade, e por amor dos outros, ou seja, da convivialidade agradável, exige-se que se conserve a cavidade bucal num asseio que não será jamais excessivo.

Já, sem falar na impressão desagradável que dão as bocas desasseadas; já sem referir os embaraços de dicção que produzem os dentes cariados, entretendo, pelas suas arestas, o movimento fácil da língua para a modulação da voz na expressão dos nossos sentimentos; já deixando de parte, todo o malefício, nas relações sociais, do hálito que vem da putrefação dos alimentos, na cavidade dos dentes estragados, basta apenas, para impor um asseio irrepreensível da boca, as moléstias que se originam aí.

Parece significativo explorar, ainda, que, a partir de um determinado momento, o que se coloca não é ape-

nas uma civilidade que transpareça publicamente uma distinção social; não é apenas a preocupação com uma imagem pública, mas um sentido de urbanidade que visa estabelecer regras de convivência social, determinar as formas de sociabilidade, especialmente quando as aglomerações urbanas passam a reunir um grande número de pessoas numa profusão de contatos sociais. Este aspecto, que poderia ser aproximado de uma idéia de gerenciamento das relações sociais, parece marcante nas mudanças que a civilidade vai sofrendo, transitando de um momento em que ela delimita, por meio de uma estética da geografia social, uma ênfase que reside na visibilidade pública fundada na higiene, a um momento mais voltado à urbanidade: aos comportamentos, à cortesia, à amabilidade, ao embaraço. Por isso, discursos como os de um manual de urbanidade são expressivos do que Foucault indica a propósito da governabilidade: alguém está governando ensinando a outros como governar-se (Stephanou, 1998).

Um conjunto de conselhos busca estabelecer salutaras regras de convivência social. São conselhos que passam por pequenos gestos, tais como:

Não tussas, nem espirres na cara dos outros. Os outros têm amor à saúde e horror a tais chuveiros. Além disso, debes imaginar (embora te custe muito este esforço de imaginação) que os outros sejam mais asseados.

Há uma preocupação com os contágios que é marcante nesse momento, como de resto nas primeiras décadas do século. Mas há também uma progressiva delimitação do que consistia o cuidado em preservar as individualidades e, por extensão, essa atenção à intimidade e ao que é do âmbito do privado. No mesmo registro dessa intimidade, no conse-

lho “O hábito de visitar doentes”, que figura n’ *O médico em casa*, o Dr. Totta recomenda um cuidado minucioso do costume das visitas.

Nascido naturalmente de um sentimento de fraternidade, do anseio de ser benéfico, do desejo de compartilhar o sofrimento alheio por um impulso de solidariedade, o hábito de visitar doentes, mesmo na pureza dessas intenções, perdeu o seu condão de utilidade e de conforto moral para se transformar numa das mais caudalosas fontes de malefícios. Raras são as visitas de proveito real. Na maior parte dos casos, ou elas representam simples ato de convenção social fácil de executar por outro meio, ou são movidas por um reles instinto de bisbilhotice.

Dentre as boas normas de convivialidade social figuravam ainda os cuidados com a higiene da casa, parte de um ritual cada vez mais atento aos pormenores e a uma racionalidade dos procedimentos. Repetiam-se os benefícios à saúde e a manifestação de asseio.

Não fumes à noite na alcova. Se não achares na casa outro lugar que te agrade, vai para o quintal ou para cima do telhado. No telhado ficarás mais à feição: é onde desembocam as chaminés. Assim, não viciarás o ambiente com essa fumaceira nauseabunda e com o cheiro asqueroso das “pontas” dos teus cigarros. Não prejudicarás a saúde dos que dormem no mesmo aposento e que precisam respirar, durante o sono, ar mais puro. Principalmente os teus filhos mais pequeninos.

Não semeies o chão da tua casa com as pontas dos teus cigarros. Cada uma dessas pontas, além de manchar o assoalho, constitui um foco de exalação desagradável. Arranja um cinzeiro (que pode ser até um caco de telha) ou atira-as pela janela. É simples e muito mais asseado.

Finalmente, dentre muitos outros aspectos que poderiam ser explora-

dos, tão ricos se apresentam os manuais e leituras que podem ser feitas, penso que ainda é oportuno um exame daqueles conselhos que se dirigem aos cuidados a observar e a dispensar a si mesmo, como modo de constituir-se asseado, polido, civilizado, em suma, saudável.

A higiene do corpo tinha proeminência no labor a dedicar a si próprio cotidianamente. É marcante em alguns conselhos a preocupação com os embaraços que o desasseio causava nas relações sociais ou com uma aparência que se produzia para que fosse reconhecida pelo outro. Outros conselhos fazem menção a um desconforto pessoal, um incomodar-se consigo mesmo quando estando em descuido com a higiene, o que deveria conduzir a uma escrupulosidade no asseio de si próprio, como refere o conselho sobre a higiene dos pés.

Lavar todos os dias os pés. Podes ser vítima de um acidente na rua e, na intenção do socorro, haverá, talvez, necessidade de te descalçarem. Tirarão primeiro um dos teus sapatos. E depois [...] não sobrará coragem para tirarem o outro pé.

Não te preocupes apenas com o teu coração, com os teus pulmões, com os teus rins... Cuida, também, com zelo igual, da tua pele. Mesmo para que não te chamem de casca grossa. A pele desempenha, no seu labor silencioso, um papel de monta na defesa do organismo; as suas funções são múltiplas e da mais alta relevância na manutenção da saúde. Não é ela, em verdade, o teu melhor manto de proteção?

Com o mesmo interesse com que aparas as unhas das mãos, aparas também, periodicamente, as dos pés. É hábito benéfico: nos sulcos subungueais juntam-se sujeiras que, sem contar com outros malefícios que originam, agridem a sensibilidade das narinas.

Outras recomendações propunham-se a ensinar o controle dos

excessos de todo tipo. Barrán (1995) é especialmente insistente em mostrar como o autodomínio vai se erigindo como conduta virtuosa e saudável, e como esses elementos passam a coincidir. Assim, o Dr. Totta aconselhava:

Comer devagar, comer com sobriedade e mastigar bem – aí estão três chaves de ouro das que abrem as portas do palácio da longevidade (1939b, p. 16).

Os conselhos visavam, ainda, à educação da vontade e ao cultivo da perseverança, a que o autor alude como uma forma “saudável” e não mórbida ou deprimida de encarar a vida. O cuidado consigo mesmo envolvia, então, aquelas práticas individuais que remetem à meditação e a uma experiência existencial:

Não estafes o teu cérebro a pensar melancolicamente no que podias ter feito e não fizeste. Exalta-te com a chama de um ideal que te comprometes firmemente a realizar. (Totta, 1939b, p. 29).

As imprudências que se cometem contra a saúde são obras de tentação diabólica. São cascas de banana para prejudicar o homem (que é uma criação de Deus) que o Cão Tinhoso espalha no caminho da nossa vida. A escorregadela é certa e com ela o tombo. Às vezes o tombo é leve e os seus efeitos são facilmente curáveis com panos quentes. Em outras vezes, porém, a queda determina a fratura da base do crânio e, então, adeus, vida! Quando o Diabo puser diante dos teus pés a casca de banana desvia o passo, repele a tentação. Acautela-te contra os ardis do Tinhoso (Totta, 1939b, p. 51-52).

Ainda quanto às atenções para consigo, alguns conselhos, cuja conotação moral é evidente, são diretamente dirigidos ao gênero feminino. N’*O médico em casa*, o conse-

lho “A mania de emagrecer” ocupa cinco páginas. É muito expressivo, voltando-se às mulheres seduzidas pelas novidades da vida cosmopolita e os imperativos da moda. O médico tece dura crítica não só à “mania” de emagrecer, como também, em particular, a todo um conjunto de práticas femininas de produção de si, a que o autor pejorativamente chama de modismo e que dá a entender como pouco racionais e quiçá também ancoradas na ignorância. Para ele, o primeiro problema é que as mulheres mal compreendem o que é a beleza. O segundo é que não respeitam a natureza do corpo e suas especificidades por desconhecê-las, e o terceiro é que ignoram, por extensão, as regras de saúde e de bem viver.

Os manuais sobre os quais me detive foram objeto de significativa circulação e difusão, sendo manifesta a preocupação do Dr. Mário Totta, seu autor, em atingir diferentes grupos sociais. Embora descuidados pelas investigações no âmbito da História da Educação⁹, constituíram-se em meios educativos por excelência, voltados especialmente à população das cidades e visando a uma educação sanitária para além das escolas. Mais do que um conteúdo instrucional, os manuais se colocam como dispositivo privilegiado no que se refere à produção de novas subjetividades, identificadas com as atenções a dispensar a si mesmo, produzir-se como sujeito de uma higiene, uma educação e uma conduta próprias à urbanidade e, afinal, “civilizadas”.

Os conteúdos das aprendizagens propostas pelos manuais dão conta de um processo de normatização dos pequenos detalhes da vida individual, mas também das práticas sociais cotidianas e triviais, com desdobramentos expressivos ao que poderia-

⁹ Entre os poucos trabalhos em História da Educação que se ocupam de manuais, ressalto o excelente trabalho de Guereña (1997).

mos considerar os grandes detalhes, como sugere Scwarcz (1997). Ainda em relação aos manuais, a autora pondera que

importa perceber como a ruptura entre a demonstração e a contenção de sentimentos foi sendo absorvida de modo crescente, até tornar-se um hábito compulsivo e internalizado.

É preciso estabelecer restrições a um tom categórico quanto à internalização dos hábitos recomendados pelos manuais. A procura e a receptividade que tiveram estão ligadas também a uma expectativa concreta dos indivíduos de um determinado tempo, e nessa medida vieram a responder a anseios e desejos que mesmo parecendo fugazes e efêmeros, como atualizar-se, modernizar-se, agir com refinamento e adequação, em meio à velocidade das mudanças da cidade, estabeleceram o exercício efetivo de sua aceitação e circulação, do autor aos leitores e dos leitores em relação ao autor.

Note-se que muitos conselhos dos manuais foram sendo paulatinamente publicados em jornal de grande circulação na época e somente depois reunidos sob a forma de livro. Estaria o autor, através das colunas do jornal, respondendo a consultas e orientações solicitadas? O tom anedótico de alguns conselhos foi um modo de atenuar ou a severidade da crítica que formulavam ou o tema constrangedor de que se ocupavam.

Ainda assim, se alguns conselhos se fizeram mais constantes nas práticas sociais e individuais, outros parecem ter caído em desuso, indicando aquilo que foi aceito e adotado na vida cotidiana e aquilo que foi rechaçado pelo exercício de outras práticas, pela disputa com outros discursos prescritivos, tornando-se, enfim, práticas e conselhos descontínuos ao longo do tempo. Acima de tudo, esses manuais revelam a mesma vontade de conduzir e ensinar as maneiras

saudáveis, adequadas e legítimas em que a medicina se empenhou nesse momento. O Dr. Totta dá forma e materialidade a esse intento através dos manuais. De maneira inusitada, os manuais estão a contemplar tanto a saúde quanto a educação, desígnios máximos da medicina social da época: conselhos terapêuticos e profiláticos, normas de bem viver, cuidados de si para consigo mesmo.

É preciso considerar, como assinala Revel (1991), que os deslocamentos que se operaram do século XVI ao XIX e que parecem extensivos às primeiras décadas do século XX, produziram uma complexa transformação das sensibilidades e das práticas.

Se retomamos as questões propostas por Chartier (1992), podemos pensar nos usos diferenciados e opostos dos mesmos manuais e das mesmas idéias ou, em outras palavras, pensar nos processos de apropriação que supõem variações nas práticas, ou seja, disciplina e invenção. Teriam sido os conselhos voltados à família e à casa, mais suscetíveis de (re)invenção, ou de transgressão? Ou nisso, precisamente, a ação médico-pedagógica dos manuais teria sido mais intensa? Ou ainda, qual a liberdade “gazeteira” das práticas de leitura desses manuais (Certeau, 1994)? Quais os modos distintos, silenciosos, dispersos, quase invisíveis, de realização dos conselhos proclamados pelo senhor doutor Mario Totta?

A circulação dos manuais e de seus conselhos, anedotas, casos exemplares, não indicam, em absoluto, tudo o que eles significaram para seus leitores; é necessário analisar uma espécie de manipulação que se opera pelos sujeitos inscritos nas relações com esses discursos. As ações que se exercem mutuamente. Ou, mais explicitamente, o exercício do poder onde diversas condutas, diversas reações ou modos de comportamento podem acontecer (Foucault, 1995).

Interrogando como sucedeu que manuais de saúde viessem a tratar de temas que não se restringem a primeiros socorros, terapêutica das doenças ou recomendações higiênicas, parece importante resgatar o fato de que as transformações que afetam os costumes e as condutas de urbanidade não podem ser circunscritas tão-somente, ao longo da História, apenas no registro da civilidade. Também nos domínios da higiene e da intimidade corporal produziram-se mudanças significativas que circularam, em certo sentido, da Medicina às escolas, da Medicina à sociedade como um todo, oportunizando-se novos modos de socialização dos corpos e de suas práticas, reinscrevendo novos sentidos à civilidade (cf. Revel, 1991).

Os manuais de saúde e higiene que foram analisados, em sua função de sistematizadores e disseminadores de um código social, ou de normas básicas quanto a valores, atitudes e condutas, enunciam a idéia de urbanidade como modo de submeter as práticas individuais e coletivas. Uma operação de refinamento para que fosse extinto o caráter primário, tosco, grosseiro, animal, implicando que cada um cultivasse em si mesmo, reconhecesse em si e nos outros, as normas sociais admitidas como sendo saudáveis e de “boa educação” (Guereña, 1997).

Referências

- BARRÁN, J.P. 1994. *El disciplinamiento (1860-1920): historia de la sensibilidad en el Uruguay*. Tomo II. Montevideo, Ediciones de la Banda Oriental, 303 p.
- BARRÁN, J.P. 1995. *Medicina y sociedad en el Uruguay de novecientos: la invención del cuerpo*. Tomo 3. Montevideo, Ediciones de la Banda Oriental, 342 p.
- CERTEAU, M. de. 1994. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis, Vozes, 351 p.

- CHARTIER, R. 1992. Textos, impressão, leituras. In: L. HUNT (org.), *A nova história cultural*. São Paulo, Martins Fontes, p. 211-238.
- CORBIN, A. 1991. O segredo do indivíduo. In: M. PERROT (dir.), *História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo, Cia. das Letras, p. 419-501.
- ELIAS, N. 1994. *O processo civilizador: vol. 1: Uma história dos costumes*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- EIZIRIK, M.F. 1994. *Michel Foucault: sobre a passagem do poder/saber à genealogia da ética*. Porto Alegre, PPGedu-UFRGS, 18 nov. 1994. (aula proferida/mimeo).
- EIZIRIK, M.F. 1997. Ética e cuidado de si: movimentos da subjetividade. *Educação, Subjetividade e Poder*, 4(4):36-43.
- FOUCAULT, M. 1990a. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. 6ª ed., Rio de Janeiro, Graal, 232 p.
- FOUCAULT, M. 1990b. *Tecnologías del yo y otros textos afines*. Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica, I.C.E. de la Universidad Autónoma de Barcelona, 150 p.
- FOUCAULT, M. 1993. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 11ª ed., Rio de Janeiro, Graal, 377 p.
- FOUCAULT, M. 1995. *A arqueologia do saber*. 4ª ed., Rio de Janeiro, Forense Universitária, 239 p.
- GUEREÑA, J.-L. 1997. Los manuales de urbanidad. In: A.E. BENITO (dir.), *História ilustrada del libro escolar en España: del Antiguo Régimen a la Segunda República*. Madrid, Fundación Germán Sánchez Ruipérez, p. 467-499. (Biblioteca del Libro, 68).
- GVIRTZ, S. 1997. *Del curriculum prescripto al curriculum enseñado*. Buenos Aires, Aique Editor, 128 p.
- REVEL, J. 1991. Os usos da civilidade. In: P. ARIÈS e G. DUBY (dirs.), *História da vida privada: vol. 3: Da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo, Companhia das Letras, p. 169-209.
- SCHWARCZ, L.M. 1997. Introdução. In: J.L. ROQUETTE, *Código do Bom-Tom, ou, Regras de civilidade e de bem viver no século XIX*. São Paulo, Companhia das Letras, p. 7-33.
- SEPTIÉN, V.T. 1998. *La urbanidad como un mecanismo de gobernabilidad*. Universidad Iberoamericana, México. In: IV Congreso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana, Santiago, Chile, 1998. (mimeo)
- STEPHANOU, M. 1998. Práticas formativas da medicina: manuais de saúde e a formação para a urbanidade. *Véritas*, 43:97-102.
- TOTTA, M. 1939a. *O médico em casa*. Porto Alegre, [s. n.t.], 158 p.
- TOTTA, M. 1939b. *Breviário da saúde: medicina em pílulas*. Porto Alegre, Globo, 55 p.
- VIGARELLO, G. 1988. *O limpo e o sujo: a higiene do corpo desde a Idade Média*. Lisboa, Editorial Fragmentos, 209 p.

Maria Stephanou
UFRGS, RS, Brasil